

Candidatos a par da *finda* renegociação *Ext*

por Milton Coelho da Graça
de Nova York

Um assessor do ministro Delfim Netto, do Planejamento, disse ontem a este jornal que, depois de escolhidos os candidatos presidenciais, "é possível" que eles sejam convidados a participar dos entendimentos para a renegociação da dívida externa.

"Eu não estou dizendo que isso vai ocorrer", disse o assessor, "mas, depois do dia 14, o ministro pode pensar nessa possibilidade, se, por exemplo, receber um sinal de que os candidatos estão interessados nisso." Ele explicou a resposta enfática dada na véspera pelo ministro a este jornal ("esta renegociação é apenas do governo Figueiredo") como sendo "perfeitamente correta, uma vez que ele é ministro do governo Figueiredo e, por enquanto, ainda não existem candidatos".

Escolhidos os candidatos, segundo o seu raciocínio, a situação pode mudar e o governo pode achar conveniente a parti-



William Rhodes

cipação dos possíveis sucessores.

Essa, aliás, é a hipótese preferida por cerca de dez representantes de bancos credores ouvidos ontem por este jornal. Sem exceção, eles são de opinião de que os bancos "ficariam mais tranquilos", sabendo que qualquer acordo assinado pelo governo Figueiredo é endossado pelos seus possíveis sucessores.

A negociação, segundo uma fonte do Ministério do Planejamento, "não começará antes de setembro". A mesma fonte, que acompanha de perto o processo de renegociação há quase dois anos, acha, "por palpite", que a terceira fase começará em novembro.

"Mas todos podem estar certos", acrescentou a fonte, "de que ela vai demorar muito menos do que as outras duas. Começando, acaba logo."

O presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, teve ontem à tarde a sua primeira reunião com o comitê assessor dos bancos credores do Brasil, formado por representantes de catorze bancos. Os dois lados só disseram à imprensa que o encontro tivera apenas "caráter informativo" e que "ainda é muito cedo para falar sobre os novos termos de renegociação".

sobre a economia do Brasil." Lew Coleman e Guy Huntrods, vice-presidentes do comitê, praticamente repetiram as palavras de Rhodes, dizendo que o encontro da tarde seria "apenas informativo".

Fontes bancárias disseram a este jornal que nada de importante ocorrerá em relação à renegociação brasileira antes de dois fatos: a ida da missão do Fundo Monetário Internacional ao Brasil, para avaliar o programa de ajustamento, e a renegociação com o México, que começará na próxima semana.

Um membro da delegação brasileira que esteve toda a semana passada no Banco Mundial, estudando as possibilidades de utilizar as novas técnicas de cofinanciamento oferecidas pelo banco, disse a este jornal que "o interesse maior do Brasil nessa área concentra-se, no momento, em verificar a viabilidade de obter recursos para as estatais, possivelmente com a utilização de recursos do projeto 2, internados no Banco Central".

(Ver página 12)

Isso foi também o que o presidente do comitê, William Rhodes, falou pela manhã aos jornalistas brasileiros, após uma reunião preliminar da qual participaram apenas os membros do comitê. Rhodes, que regressou de uma viagem à Europa e foi diretamente para a reunião, repetiu várias vezes que "ainda é prematuro falarmos nos termos da terceira fase de renegociação, porque nem sequer marcamos data para o seu início".

"Vamos ouvir hoje à tarde o presidente do Banco Central, que nos atualizará